Os jogos da nossa terra

Os desportos, como se prova pelas secções que pejam os jornaes e pelas grandes massas que accorrem aos campos de jogos, tornaram-se hoje uma verdadeira loucura: constituem os cuidados absorventes da infancia; dominam os mancebos e preoccupam até as mulheres e os velhos, que, não raras vezes, se quedam a discutir a pericia deste jogador, o espirito traiçoeiro daquelle, numa linguagem só intelligivel para os iniciados...

Os pedagogos classicos defendiam a gymnastica, considerando-a não só como um meio de desenvolver as forças physicas do homem, de lhe dar a destreza e a graça, de o preservar emfim no meio dos perigos que o cercam, mas tambem como um dos processos que podem guiar á perfeição moral, ao desenvolvimento mais perfeito da intelligencia, á pratica da virtude; sem a generosidade, sem a consciencia da propria força, ficariamos de braços cruzados perante as maiores tragedias, em face da impossibilidade de soccorrer os nossos similhantes, incapazes de repellir um aggravo, um vexame.

Sem a coragem, que é, no fundo, «a convicção intima da força» [1] representariamos apenas o papel de espectadores no meio das maiores catastrophes, e essa passividade estupida geraria a indiferença, o egoismo.

No *Livro da Montaria*, de D. João I, procura-se a razão dos jogos:

«E virom (os antigos) em como o estado dos rreys esta em duas cousas, em o saber reger e defender, e como estas cousas se poderiam perder, se nom ouvesse em como fossem guardadas, ca estando os rreys em paz prolongada, com os longos desembargos, que fazem continuadamente, muytas vezes por

[1] «Gymnastique des Jennes Gens», pag. IX (Paris, 1829).

esta cousa recebe o entender tal cansaço que em nenhua guisa nom pode chegar com aquella força nem com aquella agudeza, que se devia chegar aos desembargos; outrosi a defensom se perderia muy toste, se o uso das armas nom ouvessem: e porem assacarom os antiguos joguos de taes maneiras, per que se pudesse recrear o entender; e que o cansaço nom fosse tal que por elle deixasse de fazer o que devia... » [1]

Postos de parte os jogos de *tavolas,* pois delles «vinham muytas manhas maas aos homẽes» elogia-se o jogo da *pella,* que «faz tender os membros, e outrosi o folego faz fazer bõo, ca muyto compre aos homẽes de armas averem bõo folego»; e citam-se a *braçaria* (v. g. arremeçar bem uma lança), as *ligeirices* (v. g. saltar em cima do cavallo e correr bem); as *justas* e os *torneios.*

Acima de todos os jogos estava, porem, para o *Livro da Montaria,* o de *andar ao monte de ursos e de porcos,* pois «comprehende e repaira todallas cousas, pera que todollos joguos forom alevantados, tambem a recrear o entender, como o feito de armas, ca elle juntamente daa folgança, e recreamento a todollos sentidos pollas cousas que se em elles fazem, e outrosi aos que delle bem usam, lhes guarda que nom percam o uso das armas, ca o que cada hum dos joguos faz apartadamente por si, o joguo da montaria o faz juntamente». [2]

Vemos que a educação physica não surgiu nos nossos dias: era uma preoccupação constante dos nossos antepassados, sem comtudo prejudicar as outras *partes* necessarias a um homem perfeito. D. Duarte, mestre na arte de cavalgar e de montar, não sacrificava aos desportos a administração das cousas publicas: os despachos eram lançados por elle nos respectivos processos a tempos e horas...

As forças physicas, moraes e intellectuaes deviam desenvolver-se parallelamente, sem sacrificio de nenhuma, num trabalho harmonico, numa obra toda de equilibrio e de belleza. A *pella,* a *justa,* o *torneio,* a *altanaria* e a *montaria,* longe de constituirem officios, haviam de fornecer aos cavalleiros os elementos necessarios a uma educação integral.

E, como esses e muitos outros jogos que ainda hoje existem na tradição popular (v. g. o da *choca*) serviam para moldar caracteres rijos, prova-se pela nossa historia: não consta della realmente que D. Affonso Henriques, Gonçalo Mendes da Maia, D. Affonso IV, D. Pedro I, o

---

[1] Pag. 4 (Coimbra, 1913).

[2] «Livro da Montaria», pag. 15.

Mestre de Avis, Nun'Alvares, a pleiade fulgurante dos «altos infantes», Vasco da Gama, Duarte Pacheco, Affonso de Albuquerque, etc., etc., etc., se mostrassem peritos na arte de jogar o *foot-ball*, o *cricket*, o *croquet*, o *lawn-tennis*, o *golf*, e tantos outros desportos estrangeirados, que absorvem nos nossos dias e por completo o espirito da mocidade portuguesa e povoam a lingua de uma legião de termos asperos e dissonantes, incapazes de se adaptar aos nossos orgãos da falla...

E, não obstante, com meia duzia de homens, venciam-se os mouros aguerridos, á arma branca, braço a braço; domavam-se as feras; abria-se caminho, de espada na mão, numa lucta gigantesca até ao sul de Portugal; transpunham-se os mares em barquinhos frageis sem receio ás tempestades. Nem a fome, nem a sede, nem o calor, nem o frio — nada detinha esse bando de temerarios, educados na escola antiga!

E, quando os portugueses, os fidalgos como Alvaro Vaz de Almada, percorriam a Hespanha, a França, a Flandres, a Allemanha, a Inglaterra, em desafios e torneios, os adversarios, derrubados, tinham de confessar que não havia no mundo por essas epochas tempera melhor do que a lusitana para as lanças e para as espadas.

Pontificava Adolpho Coelho nos *Elementos Tradicionaes da Educação:*

«A gymnastica dos gregos não se perdera inteiramente; a grande gymnastica tinha a seu lado a pequena gymnastica, os jogos infantis, e estes conservaram se quasi integralmente na tradição e ao seu lado crearam-se com o andar dos tempos, muitos outros egualmente excellentes. Esses jogos tradicionaes, os exercicios inteiramente livres que as occasiões proporcionavam, foram a gymnastica unica durante seculos. Nos campos, nas praças das aldeias, nos terreiros das cidades, nos adros das igrejas, nos pateos e ainda nas casas, a infancia, a adolescencia, a mocidade, achava nelles elementos sufficientes, ainda que um tanto indisciplinados, para a sua educação physica.

Esses jogos são extremamente variados,[1] ricos de movimento, cheios de vida, suscitam não só as forças phy-icas, mas ainda as forças intellectuaes; podemos enriquecer o seu numero juntando-lhes jogos de outros paizes, egualmente tradicionaes, fazendo assim reflectidamente o que espontaneamente se fez noutros tempos, porque, como dissemos, parte d'esses jogos vieram-nos da Grecia, e uma parte da edade-media e talvez ainda, em tempos mais recentes, de outros povos, particularmente da Hespanha.»[2]

---

[1] Aqui cita o «quadro incompleto» que delles organisou, «Jogos e Rimas Infantis» (Porto, 1883)

[2] Pag. 64 (Porto, 1883).

Lamentava Pécaut [1] na *Revue Pédagogique* que os franceses desconhecessem jogos como o da *Palma* «proprio para sollicitar ao mesmo tempo todas as forças activas, para desenvolver a agilidade, a plasticidade, a precisão, o sangue frio que calcula no momento da lucta mais intensa, a audacia que perturba o adversario, a paciencia que cansa.»

Percorrendo-se a nossa pequenina collecção *Jogos e Canções Infantis,* [2] encontram-se jogos admiraveis para o desenvolvimento do corpo e do espirito. Vejam-se, por exemplo, o *Jogo da Choca,* o *Dá-me Lume,* a *Barra* e as *Nações.*

Apreciando essa tentativa, que não foi ainda mais avante por falta de appoio, disse-nos em carta o grande evocador, que foi o Conde de Sabugosa:

«... chamo-lhe a attenção para um ponto cujo estudo lhe occupará com prazer algumas horas. Refiro-me á comparação entre os modernos jogos e os antigos. O «tennis», o «golf», o «polo», o «foot-ball», a «malha», etc. são filhos ou sobrinhos da «pella», do «aleo», [3] do «bafordo», [4] da «laranjinha», etc.

Tambem seria interessante explicar os jogos de que se encontra menção nos escriptores, como por exemplo Garcia de Resende, que, na sua «Miscellanea», diz:

«Vimos jogos de mãcaes
tambê de pequena péla
infinitos e geeraes
entre povo e principaes
em portugal e castella.
Isto com tempo passou
«pela grande» começou
começou «fluxo», primeira
«rumfa» ficou derradeira,
e como tudo acabou.»

Que curioso não seria respigar nos livros antigos com o intuito de achar todos os jogos que serviram de desfastio, de prazer ou de hygiene ao nossos antepassados, fazer uma resenha completa e explica-los!!!»

A tarefa não é facil, e em muitos casos impossivel seria leva-la a cabo, porque na litteratura antiga poucas descripções encontramos; ape-

---

[1] Cit. por Adolpho Coelho, «Elementos», pag. 80.

[2] Porto, 1918.

[3] Deve ser a «choca» — Vid. P. Antonio Carvalho da Costa, «Corographia Portugueza», tomo 1.º, pag. 515 (Lisboa, 1708).

[4] Bafurdio.

nas apparece uma ou outra referencia ligeira a este ou àquelle jogo. Comtudo, de pesquisa em pesquisa, descobrimos muita materia nos cancioneiros medievaes, nas chronicas, em Garcia de Resende, em Gil Vicente, em D. Francisco Manuel de Mello, em Rodrigues Lobo, em Fr. João dos Santos, etc., etc.

Ha, portanto, uma dupla tarefa a realizar:

1.º — Recolher os jogos e brinquedos que vigoram por todo o Pais;
2.º — Rebuscar os indicios e informações que nos deixaram os escriptores sobre o assumpto.

É um inquerito largo o que propomos e que tem um logar proprio, cremos nós, na *Portugalia*. A noticia delle deve ser levada a todos os recantos de Portugal por uma gazeta de larga circulação, e, para isso, está naturalmente indicada a *Epoca*, que, nas suas columnas, tem dado abrigo muitas vezes a retalhos de Ethnographia.

Além disso devem espalhar-se circulares por toda a parte onde houver uma pessoa capaz de comprehender o alcance da cruzada (medicos, advogados, sacerdotes, professores, etc.).

Ha-de ser necessario, de vez em quando, acompanhar os materiaes colhidos de desenhos explicativos, da musica (tratando-se, por exemplo, de jogos de roda).

Com os brinquedos, em vez de desenhos, os informadores poderiam mandar modelos, que, depois de examinados, iriam enriquecer as collecções do Museu Ethnologico.

Juntos esses materiaes áquelles que já se acham reunidos nas obras da especialidade, [1] e, postos de parte os condemnados pela hygiene sahiriam em series, attendendo-se ao sexo e idade dos jogadores.

Parallelamente receber-se-hiam todas as citações por onde pudesse fazer-se a historia documentada dos jogos, e chegar-se-hia assim a um estudo comparativo curiosissimo, cujo interesse para a ethnographia, philologia e archeologia inutil será salientar. Muitos nomes haviam de descobrir-se que tornariam inuteis outros estrangeiros em uso nos jogos dominantes — jogos que se manteriam, desde que se lhes reconhecessem vantagens sobre os nossos.

---

[1] **Entre ellas é justo salientar a «Revista Lusitana», superiormente dirigida pelo sabio ethnographo dr. José Leite de Vasconcellos, e que já conta vinte e tres volumes.**

Desde as parlendas infantis — admiraveis exercicios de mnemonica — até aos jogos de grande movimento, que vastissimo campo a explorar!

Numa obra reconstructiva e nacional, ensinariamos ás creanças jogos apropriados para o desenvolvimento do corpo e da intelligencia; vê-las-hiamos esboçar desenhos, cantar lindas trovas dos jogos de roda, reproduzir muitas vezes num brinquedo uma arma como as usadas pelos nossos antepassados...

Não é nosso intuito, mesmo porque isso seria uma loucura, contrariar um movimento em que andam empenhados hoje muitos e muitos milhares de individuos, fanaticos pela ideia desportiva. Desejamos apenas ir ao encontro delle, expor e salientar a riqueza dos materiaes abandonados.

As Associações Desportivas, trabalhando com enthusiasmo, teem realizado verdadeiros milagres, impondo-se á admiração de todos pela sua iniciativa e pela sua organização. Desviando um poucochinho da sua actividade e canalizando-a no sentido que propomos, concorrerão para uma obra educativa e patriotica.

Essas obras de iniciativa particular são mais solidas e merecem-nos mais confiança do que as officiaes.

Os membros organizadores do *Regulamento de Educação Physica,* entre varios votos, emittiram este:

«Que se criem gymnasios com balnearios annexos para todos os graus de ensino, piscinas de natação, jardins escolares e campos de jogos.»

Nomeados, porém, os medicos escolares e os professores de educação physica, o Estado, visivelmente enfraquecido pelo grande esforço feito, adormeceu. Dahi o vermos as escolas a funccionar em edificios improprios para cadeias, e pateos e saguões a fingir de gymnasios.

Quanto a balnearios, piscinas e jardins escolares, é melhor não falarmos!

. . . . . .

Iamos nós a dizer — perdoem-nos o sacrilegio — que as gerações, creadas ao ar livre, no jogo da *roda,* da *choça,* do *homem* e da *bilharda,* não eram menos robustas do que as de hoje.

Regulamentos havia apenas os da *tradição oral,* mas esses eram religiosamente cumpridos...

Porto, 11 - II - 926.

AUGUSTO C. PIRES DE LIMA.